

O Crepúsculo de um dirigente comunista: a militância política de Astrojildo Pereira na cidade de São Paulo em 1931

The Twilight of a Communist Leader: The Political Militancy of Astrojildo Pereira in the city of São Paulo in 1931

El crepúsculo de un líder comunista: la militancia política de Astrojildo Pereira en la ciudad de São Paulo en 1931

Lucas Alexandre Andreto¹
Marcos Del Roioi²

Resumo: Astrojildo Pereira é conhecido como o principal articulador da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922. Tendo ocupado o cargo de Secretário Geral do PCB durante toda a década de 1920, chegou a compor o Comitê Executivo da Internacional Comunista (CE-IC) a partir do VI Congresso em 1928. Entretanto, pouco depois, com a viragem tática do movimento comunista mundial, Astrojildo sofreu perseguição política dentro dos quadros do PCB. Retirado do cargo de Secretário Geral, foi mandado para dirigir o Partido na cidade de São Paulo, local em que o movimento comunista acumulava histórico de conflitos com o Comitê Central do PCB e crônica dificuldade de se expandir. Lá, Astrojildo Pereira cumpriu o papel de organizador e propagandista do comunismo, tendo fundado o Socorro Vermelho de São Paulo e publicado nos jornais *O Homem do Povo* e *O Tempo*. Contudo, a política levada a cabo pelo ex-Secretário Geral estava em desacordo com a linha do PCB, acarretando a “depuração” de Astrojildo das fileiras comunistas. Pouco estudado em detalhes pela historiografia, a análise deste período que deveria ser a “reabilitação política” de Astrojildo Pereira no PCB será aqui nosso objeto de estudo.

Palavras-chave: Astojildo Pereira; Partido Comunista do Brasil (PCB); São Paulo; movimento operário; marxismo.

Abstract: Astrojildo Pereira is known as the main organizer of the founding of the Communist Party of Brazil (PCB), in 1922. Having held the position of General Secretary of the PCB throughout the 1920s, he even made up the Executive Committee of the Communist International (CE- IC) from the VI Congress in 1928. However, shortly afterwards, with the tactical turn of the world communist movement, Astrojildo suffered a political persecution within the PCB cadres. Removed from the position of General Secretary, he was sent to lead the Party in the city of São Paulo, where the communist movement accumulated a history of conflicts with the Central Committee of the PCB and chronic difficulty in expanding. There, Astrojildo Pereira fulfilled the role of organizer and propagandist of communism, having founded Socorro Vermelho de São Paulo and published in the newspapers *O Homem do Povo* and *O Tempo*. However, the policy carried out by the former General Secretary was at odds with the PCB’s line, leading to Astrojildo’s “purification” from the communist ranks.

Little studied in detail by historiography, the analysis of this period that should have been the “political rehabilitation” of Astrojildo Pereira in the PCB will be our object of study here.

Keywords: Astrojildo Pereira; Communist Party of Brasil (CPB); São Paulo; labor movement; Marxism.

INTRODUÇÃO

Astrojildo Pereira Duarte Silva, nascido em 8 de outubro de 1890, na cidade de Rio Bonito, a cerca de 80 quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, é largamente conhecido pela sua atuação histórica no movimento operário brasileiro. Militante desde pelo menos 1910, quando se tornou anarquista, participou da tentativa de insurreição operária no Rio de Janeiro em 1918 e foi jornalista ativo escrevendo sobre as greves que tomavam o Brasil durante aquele ano, assim como sobre a Revolução Russa, ocorrida no ano anterior. Sobretudo, Astrojildo Pereira é conhecido como o principal articulador da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922, ocupando o principal cargo de direção, Secretário-Geral, até 1930 (Rodrigues, 2010). Contudo, a partir deste ano, o PCB recebeu críticas sistemáticas por parte da Internacional Comunista, que avaliava ter o Partido levado durante toda a década de 1920 uma política de reboque em relação à pequena-burguesia, entregando-se ao oportunismo. Astrojildo foi então responsabilizado pelos erros do Partido, juntamente com Octávio Brandão, que teria sido o principal responsável teórico pela linha equivocada do PCB, sintetizada no livro *Agrarismo e Industrialismo*.

No Pleno Ampliado do Comitê Central do PCB, ocorrido em novembro de 1930, no Rio de Janeiro, Astrojildo Pereira foi destituído do cargo de Secretário Geral, substituído por Heitor Ferreira Lima. Ele e Paulo de Lacerda foram convocados a escrever cartas de autocrítica à direção do Partido e foram enviados para dirigir o Partido na cidade de São Paulo, objetivando a “reabilitação” dos dois militantes em direção à proletarização. O X Pleno do Comitê Executivo da Internacional Comunista (CE-IC), ocorrido em julho de 1929, fez uma análise dos casos em que governos social-democratas da Europa reprimiram sanguinariamente o movimento operário e declarou que a social-democracia e o fascismo teriam os mesmos objetivos, de maneira que apenas se diferenciavam pelas palavras e ordem e, parcialmente, pelos métodos, definindo que a social-democracia havia se transformado em “social-fascismo”. Essa análise criou a tática no movimento comunista que foi chamada de “classe contra classe”, isto é, uma política de independência partidária sem qualquer colaboração com os chamados “inimigos de classe e seus agentes”, tal como a social-democracia, liberais e reformistas em geral. A consequência prática foi a ruptura de qualquer tipo de aliança com as organizações social-democratas (Hajek, 1977, p. 31).

No caso do PCB, as resoluções do X Pleno da CE-IC levaram ao distanciamento das relações com os tenentistas, Luiz Carlos Prestes e qualquer outra política de aliança com aqueles considerados representantes da pequena-burguesia, como era o caso da frente eleitoral organizada pelo PCB, o Bloco Operário e Camponês (Carone, 1989, p. 288).

O “obreirismo” foi uma consequência da política de “proletarização”, um dos elementos constitutivos das novas diretivas da Internacional Comunistas depois de seu X Pleno (Hajek, 1985, p. 197). A proletarização dos Partidos Comunistas, segundo o X Pleno era compreendida como a criação de células comunistas nas grandes empresas capitalistas por meio do recrutamento dos operários e a posterior formação destes, pelos fundamentos do marxismo-leninismo, como quadros dirigentes dos Partidos Comunistas (CE-IC, 1929). Porém, como relatou Leôncio Basbaum, no Brasil a “proletarização”, que foi “mal compreendida” e tornou-se uma política de desprezo pelos intelectuais ao mesmo passo que se idealizava a figura do operário. Nesse contexto, os intelectuais comunistas que faziam parte do Comitê Central e outras instâncias de direção do PCB foram destituídos para que os cargos fossem ocupados por operários, como foi o caso de Astrojildo Pereira e Paulo de Lacerda (Basbaum, 1976, p. 94).

Na mesma época, São Paulo era a cidade mais industrializada do Brasil, mas apesar disso contava com uma atuação débil do PCB, que tinha pouca inserção nas categorias da classe operária consideradas “estratégicas” para os comunistas. Se somava a essa característica o histórico problemático da relação dos dirigentes paulistanos com o CC do PCB no Rio de Janeiro e a passagem de grande parte dos militantes comunistas de São Paulo para o trotskismo entre os anos de 1929 e 1931 (Andreto, 2022, p. 14). Ocorria no plano de fundo o processo da Revolução de 1930, com a derrubada de Washington Luís pelas tropas da Aliança Liberal, seguindo-se a ascensão de Getúlio Vargas ao poder do executivo federal e dos tenentistas como interventores nos estados brasileiros, assumindo papel de governadores (Fausto, 1997).

O ano de 1931 apresentou, dessa forma, um novo panorama, não apenas nacional em razão da Revolução de 1930, mas também no movimento operário paulistano e para o PCB, que buscava se rearticular com Astrojildo Pereira à frente do Comitê Regional de São Paulo (CR-SP), o que equivalia a direção do partido no estado. Novas forças políticas haviam surgido e outras se reconfigurado, apresentando

desafios inéditos para a expansão do PCB na cidade. Os trotskistas, além de se formarem com parte significativa dos militantes comunistas, que compunham o CR-SP em 1928, devido à adesão de líderes gráficos como João Jorge da Costa Pimenta, rapidamente tomaram a direção do mais forte sindicato dirigido pelo PCB em São Paulo até então – A União dos Trabalhadores Gráficos – e, com isso, para eles “o centro de gravidade do movimento deslocou-se para São Paulo” (Neto, 1993, p. 169)³. Ao mesmo passo, os anarquistas, depois de grave crise de organização que se arrastava desde 1927, fundaram em 16 de novembro de 1930 o Comitê Operário de Organização Sindical, que trabalhou para recriar a Federação Operária de São Paulo (FOSP), extinta no começo da década de 1920. A iniciativa consolidou-se com a III Conferência Operária Estadual, ocorrida entre 13 e 15 de março de 1931, com a participação de 18 sindicatos, 10 da capital e 8 do interior do estado⁴.

A FOSP e os anarquistas rearticularam-se em decorrência do movimento grevista, começado no final do ano de 1930 pelos ferroviários da São Paulo Railway, no que foi seguido por várias outras categorias. A greve, que terminou apenas no começo de 1931, saiu vitoriosa em suas demandas econômicas como aumento de salário e no plano político deu início à batalha contra a oficialização dos sindicatos pelo Estado e a regulamentação estatal da força de trabalho (Araújo, 1994, p. 162).

Outra novidade política era a Legião Revolucionária de São Paulo, liderada por Miguel Costa, que também ocupava o cargo de comandante da Força Pública do Estado de São Paulo, e que buscava organizar a classe operária e a classe média urbana para apoiar o programa nacionalista reformador do governo João Alberto e prometia em seu manifesto, escrito por Plínio Salgado e jogado por avião nas ruas de São Paulo, a centralização do poder estatal para combater o latifúndio e os monopólios empresariais, a exploração do petróleo, ferro e carvão para desenvolver a indústria de base no país. Considerada uma afronta aos “bons paulistas” pela burguesia de São Paulo e uma organização fascista ao estilo dos Esquadrões de Mussolini pelo PCB, a Legião Revolucionária alegava ter dezessete mil aderentes em janeiro de 1931, sendo a maioria operários. Promoveu desfile com pelo menos sete mil pessoas pelas ruas da capital paulista no mesmo mês (Borges, 1992, p. 74).

O próprio PCB, depois de iniciar já mencionada guinada política depois do X Pleno da IC, retirou de sua direção nacional a maior parte dos que dela faziam parte na década de 1920 e reformulava-se constantemente, em grande dificuldade

de solidificar um novo grupo dirigente (o que não aconteceu até pelo menos a Conferência da Mantiqueira em 1943). No início de 1931, Heitor Ferreira Lima tornou-se Secretário Geral do partido, mas no meio do ano o cargo foi sucedido por José Villar, um expoente do obreirismo. Octávio Brandão e sua mulher, Laura, foram deportados do Brasil e passaram residir na União Soviética. Uma série de militantes foram expulsos do partido por “desvios de direita” e “prestismo”, muitos deles da cidade de São Paulo, como eram o caso de Josias Carneiro Leão e Reis Perdigão (Del Roio, 1990, p. 184).

Astrojildo chegou em São Paulo aos 40 anos de idade, no início de 1931, instalou-se numa pensão na Rua Teodoro Sampaio, nº 182, em que também morava o pintor modernista Emílio Di Cavalcanti, então simpatizante do PCB. Astrojildo Pereira visitou o bairro da Barra Funda, procurando a rua Lopes Chaves, onde morava o escritor modernista Mario de Andrade com o objetivo de pedir emprego e criar colaborações intelectuais. Na ocasião, Mario de Andrade mandou dizer que não estava, mas é provável que em algum momento tenham se encontrado, visto que ambos contribuíram na *Revista Nova*⁵ (Feijó, 2022, p. 36-37).

O período que Astrojildo Pereira passou em São Paulo, como dirigente do CR-SP, é definido por Martin César Feijó como “um dos episódios mais dramáticos em sua vida” (Feijó, 2022, p. 99). É a época de seu crepúsculo como dirigente comunista e momento difícil para a cena política e social do país e para o estado de São Paulo em particular. Tendo início em janeiro de 1931 e término em agosto do mesmo ano, com a prisão de Astrojildo – que foi libertado apenas depois de deportado para o Rio Grande do Sul, de onde voltou diretamente para a casa de sua família no Rio de Janeiro, afastando-se das atividades partidárias – coincidiu cronologicamente com o governo do interventor João Alberto Lins de Barros no comando do governo do Estado de São Paulo, que durou de novembro de 1930 a julho de 1931⁶.

Astrojildo Pereira, portanto, assumiu a direção do PCB paulistano, o que já era por si só um trabalho hercúleo, em contexto muito complexo. Como dirigente em São Paulo, Astrojildo cumpriu principalmente dois papéis: foi articulador de organismos do partido e propagandistas das ideias comunistas. Apesar de pouco lembrado pela bibliografia, durante o período que esteve à frente do CR-SP, os organismos partidários do PCB cresceram visivelmente, fundando organizações satélites do partido cuja criação em São Paulo já havia

sido estabelecida como meta desde pelo menos o III Congresso em 1929. Nosso objetivo neste trabalho, será mostrar, em maiores detalhes, o papel militante cumprido por Astrojildo Pereira enquanto esteve no CR-SP no ano de 1931, bem como seu processo de saída do PCB.

ASTROJILDO PEREIRA COMO ORGANIZADOR DO MOVIMENTO COMUNISTA

Fez parte do trabalho de articulação empreendido por Astrojildo Pereira a organização do Socorro Vermelho e de propagandista a participação nas mídias da cidade, principalmente *O Homem do Povo*⁷, mas também *O Tempo*⁸, assim como palestras em locais de circulação da parcela militante do proletariado paulistano, como a Liga Lombarda e o Salão das Classes Laboriosas⁹. Além disso, Astrojildo executou algumas tarefas de caráter mais pontual e pragmático, como panfletagens e discursos em portas de fábricas, o que ele mesmo admitiu não ter se saído muito bem.

Astrojildo Pereira, ao firmar-se na capital paulista, passou a agregar em torno de si uma série de personalidades, principalmente intelectuais, ligados ao movimento dos trabalhadores, ao socialismo e de algum modo próximos ao PCB e organizá-los em torno de iniciativas como o Socorro Vermelho, isto é, organizações que não exigiam que os membros fossem militantes do partido, mas apenas simpatizantes, sendo organizações que cumpriam o papel de ligar o partido com camadas populares mais amplas, com pessoas não totalmente de acordo com a política partidária, mas que a apoiavam até determinado ponto. Principalmente os pequeno-burgueses, intelectuais ou não, eram vistos como fonte de finanças e recursos e úteis para trabalhos de difusão propagandística por meio da oratória e dos livros. Arrecadar dinheiro e recursos era a base do Socorro Vermelho, que os empregava no auxílio dos presos políticos, enviando mantimentos e contratando advogados.

Ao mesmo passo, Astrojildo Pereira participava das iniciativas desses mesmos intelectuais, cujo exemplo mais evidente é sua coluna *Sumário do Mundo*, no jornal *O Homem do Povo*. Assim, em uma articulação entre política e cultura, Astrojildo Pereira foi construtor e participante de uma rede de intelectuais paulistanos que se uniam no projeto comum de defesa e difusão das ideias socialistas, com diferentes graus de aproximação com o PCB.

São provas da interligação entre o trabalho organizativo e propagandístico que Astrojildo executou, e que ele teve papel importante na articulação do Socorro Vermelho, o fato de a maior parte de seus aderentes terem sido também os participantes dos jornais *O Homem do Povo* e *O Tempo*. Entre os nomes em comum nessas iniciativas ou ligados a pelo menos uma delas e o PCB estavam Raphael Corrêa de Oliveira¹⁰, Salisbury Galeão Coutinho (membro da comissão executiva da Associação Amigos da Rússia, membro da direção estadual do Socorro Vermelho e redator e colunista de *O Homem do Povo*), Emiliano Di Cavalcanti (membro da Associação Amigos da Rússia e do Socorro Vermelho)¹¹, Pedro Motta Lima (membro da Associação Amigos da Rússia, do Socorro Vermelho e escrevia para *O Tempo*), Affonso Schmidt (membro da Associação Amigos da Rússia e do Socorro Vermelho), Patrícia Galvão (membro da Associação Amigos da Rússia, do Socorro Vermelho e secretária de *O Homem do Povo*) e Oswald de Andrade (membro da Associação Amigos da Rússia, do Socorro Vermelho e diretor não oficial de *O Homem do Povo*)¹². Astrojildo Pereira era um nome comum a três destas organizações (com diferentes níveis de participação), sendo elas o Socorro Vermelho, *O Tempo* e *O Homem do Povo*.

O Socorro Vermelho trabalhava para garantir assistência jurídica, moral e material para os militantes revolucionários contra a repressão da polícia política. Organizava donativos nos quais o proletariado subscrevia auxílios aos companheiros presos, enviava recursos (alimentos, roupas, cigarros e outros) e muitas vezes custeava a defesa por meio de um advogado. O Socorro Vermelho imprimia boletins constantemente dissertando sobre temáticas que diziam respeito à repressão policial ao movimento operário, por exemplo, protestos contra a prisão de militantes, volantes de memória do assassinato de Sacco e Vanzetti, denúncia de violências policiais em manifestações e greves de trabalhadores, campanhas para tentar impedir a deportação de militantes comunistas, entre outros. O Socorro Vermelho também organizava manifestações de rua com as mesmas temáticas, cujos volantes e boletins serviam como manifesto de chamada para os atos¹³.

Astrojildo Pereira chegou a ser secretário regional do Socorro Vermelho em São Paulo entre os meses de julho e setembro de 1931, tendo elaborado seu planejamento de ação juntamente aos demais membros do secretariado (dez no total). Traduziu uma carta de abril do mesmo ano, de autoria do Comitê Executivo do Socorro Vermelho Internacional, que tinha como objetivo orientar suas sessões nacionais. Nesses documentos, Astrojildo explicava como se

organizavam as células do Socorro Vermelho, seu método de ação para arrecadar dinheiro para as vítimas da repressão e convocava uma Conferência para eleger um secretariado permanente. Um ponto interessante da ação do Socorro Vermelho, segundo o planejamento de Astrojildo, era a orientação para que seus militantes buscassem a adesão de seus sindicatos, cooperativas e associações ao mesmo, como membros coletivos, ainda que fossem dirigidos por reformistas, devendo assim cotizar para o SV.

Apesar da ilegalidade em que vivem muitas das organizações revolucionárias no Brasil, presentemente, é necessário conseguir a adesão coletiva delas, bem como a adesão de outras organizações; sindicatos, associações culturais e esportivas, cooperativas etc. Mesmo nos casos em que os dirigentes dos sindicatos reformistas se neguem a dar adesão dos mesmos, deve-se fazer pressão na base por meio dos membros de cada organização (Pereira, 1931^a).

Este trecho mostra como Astrojildo Pereira mantinha uma política de frente única mais larga do que aquela que o PCB começava a colocar em prática, o que seria logo usado contra ele dentro do Partido. Em outro documento de orientação, Astrojildo define quem pode participar e como deve ser a composição de membros do Socorro Vermelho, deixando nítida mais uma vez sua concepção de política de frente única

Sendo uma organização de massas, o MORP [acrônimo russo para Socorro Vermelho Internacional] deve organizar não só membros do Partido, mas em geral todos os operários e revolucionários, inclusive elementos revolucionários da pequena-burguesia. PORÉM, A DIREÇÃO DOS COMITÊS DE ZONA E DO COMITÊ REGIONAL ABSOLUTAMENTE CONSTITUÍDA POR MAIORIA DE MEMBROS DO PARTIDO [caixa alta do documento original]. Nenhum elemento da pequena-burguesia deve ser colocado na direção (Pereira, 1931b).

Nessa mesma época, a Associação Amigos da Rússia aderiu coletivamente ao Socorro Vermelho, mas logo foi expulsa por deliberação do Comitê Regional de São Paulo, acusada de ser largamente infiltrada por fascistas e trotskistas. De fato, a Associação Amigos da Rússia era uma iniciativa dos trotskistas e contava com muitos notórios adeptos de Trotsky, recém expulsos do PCB, em sua direção, como por exemplo, Aristides Lobo, Plínio Gomes de Mello, Salisbury Galeão Coutinho (também conhecido como Brasil Gerson), Mario Pedrosa e Lívio

Xavier (Campos, 1998, p. 158). O CR-SP designou um operário fabril para dirigir o Socorro Vermelho em São Paulo juntamente com Astrojildo (Ledo, 1932).

Durante a estadia de Astrojildo em São Paulo, ocorreu a fundação da Federação Sindical Regional de São Paulo (FSR-SP), filiada à Confederação Geral do Trabalho (CGT), ambas iniciativas sindicais do PCB. Coube ao principal fundador deste Partido, juntamente com Paulo de Lacerda, escrever um manifesto em nome da FSR-SP, preparando para sua fundação e constantes chamados de frente única. No manifesto, Astrojildo Pereira e Paulo de Lacerda criticaram duramente os anarquistas e trotskistas por aliarem-se à Legião Revolucionária de Miguel Costa e colocaram sobre eles a responsabilidade da derrota do proletariado paulistano nas greves de 1930, visto que levaram os trabalhadores a se organizarem por métodos descentralizados e, portanto, ineficazes para o atual estágio da luta de classes (Pereira; Lacerda, 1931). Contudo, é pouco provável que Astrojildo tenha exercido papel de importância maior nesta iniciativa. O mais provável é que a articulação para fundar a FSR-SP tenha cabido a Mario Grazzinni e Roberto Morena, que então eram os responsáveis pela política sindical do partido na cidade.

ASTROJILDO PEREIRA COMO PROPAGANDISTA

Quanto ao trabalho de propagandista de Astrojildo Pereira em São Paulo, destacam-se seus artigos publicados em *O Homem do Povo*, sob o pseudônimo de Aurelino Corvo, nome que entrava no espírito do antropofagismo modernista do diretor do jornal, Oswald de Andrade. Astrojildo escrevia na coluna *Sumário do Mundo*, que fazia parte da seção de notícias internacionais. Neste espaço escreveu sobre vários assuntos: os conflitos de rua entre comunistas e nazistas na Alemanha, a idealização do voto secreto pelo jornalista liberal Mário Pinto Serva, as ressonâncias do crescimento da economia soviética no parlamento inglês, a crise econômica e o desemprego nos EUA, a carestia de vida no fascismo italiano e a dissolução de uma palestra fascista pelos operários de Paris.

Seguindo o mesmo estilo bem-humorado de *Crônica Subversiva*, jornal que Astrojildo dirigiu e editou no ano de 1918, os textos apresentavam fatos de grande importância para a conjuntura internacional na forma e por meio de anedotas, acontecimentos do dia a dia, sempre narrados com sarcasmo. O único artigo que foge parcialmente deste padrão é, talvez, o mais memorável e aquele que inaugura a coluna. Neste, o fundador do PCB apresenta sua proposta textual, definindo-a

como uma notícia popular, escrita no método apropriado para a leitura dos “homens do povo”, a negação do formato de notícia dos grandes jornais.

Só o burguês ocioso, ou o indivíduo chumbado pela gota a uma cadeira de balanço, é capaz de ler, pode ler, tem tempo de ler as colunas quilométricas de telegramas que entulham os grandes órgãos de imprensa, como é o caso, por exemplo, do venerando “O Estado”. O homem do povo, que trabalha, que sai cedo de casa para a fábrica, a oficina, o escritório, o armazém, só dispõe para tanto dos poucos minutos da viagem de bonde, e o que lhe importa são as notícias rápidas, concisas, concretas. É o que este novo jornal, que além de novo é pequeno e não pretende chegar a venerando, vai fazer, nesta página, sumariando em quatro linhas os acontecimentos mundiais da véspera (Corvo, 1931, p. 5).

Astrojildo encerra seu texto dizendo que assuntos como os descritos acima, incluindo “a casa de Trotsky pegando fogo”¹⁴, é que valem a pena ler, eles é que são capazes de saciar o estômago sólido e saudável dos homens do povo, uma “carniça gostosa”, como enuncia o título, mais uma vez indicando sua filiação ao antropofagismo oswaldiano.

Ainda que a participação em *O Homem do Povo* seja uma grande contribuição ao jornalismo crítico e popular, o trabalho de maior envergadura intelectual executado por Astrojildo Pereira neste período é, sem dúvida, sua crítica ao manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo, publicado no próprio jornal da Legião, *O Tempo*.

Astrojildo vê o manifesto, escrito por Plínio Salgado, como “característico da ideologia confusa, contraditória e delirante de certa camada de intelectuais e pequeno-burgueses”, de modo que a presunção dos autores do *Manifesto* em “regenerar o Brasil” seria um grave erro quando tornada movimento político. A tal “brasilidade”, tão aclamada e defendida pelo *Manifesto da Legião Revolucionária*, diz Astrojildo, era termo de autoria do Conde Afonso Celso nos tempos do nacionalismo do governo Epitácio Pessoa, copiado da “argentinidade”, termo, por sua vez, de autoria de Manuel Carlés. No fim das contas, tudo isso não significava mais do que “patriotismo exaltado, grandiloquente, verbalista e ... vazio”, ou seja, chauvinismo. Fazendo bom uso da dialética, Astrojildo Pereira mostra que, ainda que os problemas brasileiros tomem contornos particulares, muitas vezes regionalizados, são “na sua essência, problemas mundiais”, de maneira que a solução para eles só pode ser encontrada no plano mundial (Pereira, 2022, p. 130).

O *Manifesto* adiantava muitos elementos que estariam presentes, cerca de dois anos depois, no programa da Ação Integralista Brasileira (AIB) e que naquele momento já habitavam a cabeça de Plínio Salgado. Assim, enunciava que entre o Amazonas e o Prata haveria a formação de uma “quinta raça”, que, por sua vez, daria ao mundo um novo tipo de civilização. Tudo isso, dizia Astrojildo, era profecia de sábios estrangeiros, reprodução das ideias já vocalizadas por Humboldt, Martius e José de Vasconcelos, não passava de “lirismo messiânico do mais pernóstico, do mais retinto me-ufano-do-meu-país”¹⁵. Assim, contrapõe o dirigente do PCB:

A realidade brasileira, que o Manifesto apenas vislumbrou no meio do delírio, é a dos ‘imensos latifúndios’, enriquecendo algumas centenas de fartíssimos patriotas, à custa da miséria infinita de milhões de trabalhadores agrícolas; é da propriedade da terra expressa pela proporção de nove décimos pertencentes a uma insignificante minoria de grandes proprietários; é a da formação histórica dos latifúndios, através do saque e do massacre da indiada e da escravização do braço negro importado.

A realidade brasileira, a grande realidade brasileira, que o extremo confucionismo do manifesto não consegue esfumar, é a do Brasil colônia depois de um século de independência (Pereira, 2022, p. 131).

Escrevendo em linhas gerais a análise que os comunistas faziam então das relações de classes e das relações sociais de produção existentes no Brasil, de como o país se inseria na divisão mundial do trabalho, Astrojildo Pereira explicava que nosso país passou da dominação portuguesa para a dominação inglesa no século XIX e, então, no início do século XX, presenciava a disputa entre o imperialismo inglês e estadunidense pela dominação financeira. Nas palavras do próprio, “somos a presa gorda e gostosa que os imperialistas rivais disputam entre si” (Pereira, 2022, p. 131).

Essa dominação estrangeira estaria fundamentada na dívida de mais de 250 milhões de libras esterlinas, cujos juros e amortizações somavam 22 milhões de libras esterlinas ao ano, o que significava mais do que a terça parte da receita pública de todo o país. Os países imperialistas, sobretudo a Inglaterra, também eram donos das estradas de ferro, energia elétrica, serviços públicos e privados que funcionavam no Brasil, bem como das principais indústrias, como frigoríficos, tecidos e fósforos. O ferro brasileiro, montante de 25% do ferro do

mundo, era propriedade dos trustes anglo-americanos que dele nada faziam, não construindo no país qualquer tipo de indústria metalúrgica, de maneira que “chegamos, assim, a esta situação: o nosso ferro, inerte nas entranhas da nossa terra, transformado pelo imperialismo em guarda da nossa própria dependência e escravização” (Pereira, 2022, p. 132-133).

Astrojildo, concluiu que a realidade brasileira era a da exploração econômica e opressão política das classes laboriosas pelas empresas imperialistas e por intermédio dos burgueses nacionais. Realidade esta, não apenas brasileira, mas compartilhada por todos os países da América Latina e que “exige espírito internacionalista para ser compreendida e assim resolver os problemas dela resultantes” (Pereira, 2022, p. 134).

Terminada a crítica da análise social do Brasil, feita pelo *Manifesto da Legião Revolucionária*, Astrojildo Pereira passa à crítica de seu programa. A reforma agrária defendida, caracterizada pela divisão do latifúndio em pequenas propriedades e em conformidade com a lei (indenização dos grandes latifundiários), é exposta pelo fundador do PCB como um endosso da lei de propriedade fundada pelo colonizador estrangeiro que aniquilou populações indígenas para expropriar-lhes a terra e fundar, pelo direito, a propriedade privada da terra no que viria a ser o Brasil. A divisão da terra em parcelas, acrescentava Astrojildo, já servia a burguesia de muitos países há mais de um século.

O combate ao imperialismo preconizado pelo *Manifesto* é escancarado por Astrojildo Pereira como um grande engodo. Nesta parte do *Manifesto* se fazem mais fortes as ideias de Plínio Salgado, sobretudo com seus termos de “civilização geográfica” e “civilização geológica”. Os últimos seriam os países que, ricos em matérias-primas, se industrializaram e passaram a dominar as “civilizações geográficas”, ou seja, aquelas que por escassez de matérias-primas ou outras razões, não desenvolveram indústria e não passaram a exercer sobre outros países uma relação de dominação. O *Manifesto* legionário, longe de querer fazer do Brasil uma “civilização geológica”, defendia que o país deveria afirmar-se como “civilização geográfica” (isto é, como país primário-exportador, não industrializado, pauta que será futuramente parte constitutiva do projeto integralista)¹⁶ e assim criar uma civilização mais espiritual, com uma consciência maior da dignidade humana, afirmação esta que não pôde escapar da ácida crítica de Astrojildo, que a transforma em uma comédia

Ora, a civilização geológica, baseada no ferro, no carvão, no petróleo, possui canhões, fuzis, obuses, aviões, gases mortíferos. A civilização geográfica, sem ferro, sem carvão, sem petróleo, não possui canhões, nem fuzis, nem obuses, nem aviões, nem gases mortíferos. Temos, pois, o Brasil, país mais espiritual, com uma consciência maior da “dignidade humana”, a brigar de mãos abanando contra tal ou qual país imperialista armado até os dentes. Era uma vez a civilização geográfica (Pereira, 2022, p. 136-137).

Por fim, a crítica afirma seu próprio programa, sua própria resolução para a questão do combate ao imperialismo: “guerra de morte, a ferro e a fogo, sustentada pelas massas trabalhadoras contra os imperialistas e seus lacaios. Solução clara, firme, direta, que não deixa lugar a nenhuma espécie de dúvida. Solução bolchevista” (Pereira, 2022, p. 137).

O manifesto legionário oferece, ainda, uma proposta de forma de Estado. Parte da afirmação de que o Brasil não poderia copiar modelos estrangeiros, como o presidencialismo americano, soviétismo russo ou fascismo italiano e deveria, isto sim, criar um modelo próprio de Estado. Astrojildo, depois de responder que o que importa no Estado é sobretudo seu conteúdo de classe, mostra que toda essa exigência de originalidade caiu na proposição da organização do Estado por meio do nacionalismo e das representações corporativas, isto é, o modelo de Estado fascista. O dirigente comunista, assim, conclui que as legiões revolucionárias não passariam de traduções brasileiras regionais das milícias fascistas italianas, explorando demagogicamente o descontentamento das massas pequeno-burguesas e canalizando-o para a reorganização do poder de classe da burguesia ameaçada pela crise econômica e ascensão do movimento operário. De tal sorte, as Legiões Revolucionárias fundadas por Miguel Costa, João Alberto e outros tenentistas,

Intitulam-se “revolucionárias” mas são de fato organizações medularmente contrarrevolucionárias – fazendo o jogo de tal ou qual grupo regional da burguesia. O que vale dizer, fazendo o jogo de tal ou qual imperialismo. Brasilidade radical, nacionalismo puro, horror ao exotismo, exaltação nativista, xenofobia política, fraseologia por vezes anticapitalista e anti-imperialista – tudo isso é tapeação. Óleo de rícino engarrafado com o rótulo de guaraná (Pereira, 2022, p. 143).

Em uma nota redigida posteriormente, quando republicou o artigo exposto acima em seu livro *URSS, Itália, Brasil*, Astrojildo Pereira declarou que seu

objetivo era “desmascarar a mistificação” do caráter supostamente “esquerdista” da Legião Revolucionária e das ideias por ela preconizadas, incluindo por parte de seu líder, Miguel Costa. O texto *Manifesto da Contrarrevolução* tinha, portanto, o objetivo principal de mostrar o caráter fundamentalmente de extrema direita que permeava a Legião Revolucionária e seu manifesto. Seria uma comprovação da tese de Astrojildo Pereira, afirma ele mesmo, o rumo político tomado pelo redator do manifesto: Plínio Salgado, político que “hoje como provavelmente amanhã ele sempre esteve, está e estará ao serviço da burguesia contra o proletariado” (Pereira, 2022, p. 143).

DO PALCO PARA A PLATEIA: O FIM DE ASTROJILDO PEREIRA COMO DIRIGENTE COMUNISTA

Entretanto, todas as ações de Astrojildo no CR-SP mais desagradaram ao PCB do que o contrário. O novo Comitê Central apresentava estar disposto a levar até as últimas consequências a política de expurgos dentro do partido e, ainda que nos comunicados oficiais esses expurgos apareciam como sendo dos “elementos liquidacionistas, oportunistas de direita, que se arrastam a reboque da massa”, na prática se tratava do expurgo de toda a velha guarda dirigente. De tal sorte, ainda em abril de 1931, Paulo de Lacerda e Astrojildo Pereira começaram a receber as primeiras críticas da direção partidária sobre a atuação que o CR-SP levava a cabo. Foi especialmente condenada a participação dos dois comunistas em *O Tempo* e *O Homem do Povo*, obrigando Astrojildo a escrever uma primeira carta de autocrítica, declarando seu rompimento definitivo com o jornal de Oswald de Andrade

Camaradas do B[ureau] P[olítico] do PCB

Pela presente desejo declarar que me solidarizo completamente com a declaração dos camaradas Paulo de Lacerda e outros, acerca do jornal policial e fascista *O Tempo*, que se publica nesta cidade. Durante algumas semanas emprestei a este jornal a minha colaboração, sob o pseudônimo de Volytom. Embora eu me reservasse inteira liberdade na escolha dos assuntos e na forma de os tratar, – e por isso mesmo meus artigos acabaram sendo suprimidos pela censura – considero hoje um erro essa colaboração, visto poder prestar-se a alimentar ilusões na massa a respeito do verdadeiro caráter deste jornal.

Declaração idêntica devo fazer acerca do jornal *O Homem do Povo*, no qual, desde o primeiro número, redigi a seção de comentário e noticiário internacional, sob a rubrica Sumário do Mundo. Se bem que responsável unicamente pela referida seção – onde igualmente me era dada inteira liberdade – considero também um erro político

da minha parte colaborar com *O Homem do Povo*, que se mostrou desde o primeiro número um órgão de confucionismo pequeno-burguês, procurando mascarar sob o disfarce do comunismo a luta que na realidade elementos da pequena-burguesia sustentam para conquistar, contra o Partido Comunista, a direção do movimento revolucionário das massas. Assim sendo, eu me desligo desde esta data, completamente, da redação do aludido jornal.
 Aurelino Corvo (Corvo, 1931).

O rompimento de Astrojildo com *O Homem do Povo* sequer teve tempo de ser percebido nas páginas do jornal pelo início da ausência das colunas de Aurelino Corvo. O Partido Democrático de São Paulo, em luta voraz contra o intendente estadual João Alberto e principalmente contra Miguel Costa e sua Legião Revolucionária, encontrava nos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, localizada no Largo do São Francisco, uma forte base de apoio que ficou enfurecida com os textos de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. O expoente do modernismo havia criticado duramente a burguesia paulista, sua batalha hipócrita contra João Alberto e, com a mesma ferocidade, as instituições tipicamente frequentadas e controladas por essa classe, incluindo a Faculdade de Direito¹⁷. Foi o suficiente para que os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, na manhã do dia 13/4/1931, atacassem a sede de *O Homem do Povo*, situada nas imediações da Praça da Sé, para empastelar o jornal, que, por sua vez, foi defendido a tiros de revólver por Pagú e a pontapés por Oswald de Andrade. A polícia agiu a favor dos estudantes e prendeu o casal militante de *O Homem do Povo*, deixando que a sede do jornal fosse invadida e seu maquinário de produção destruído a porretadas¹⁸.

Nada disso fez mudar a opinião dos dirigentes do PCB a respeito de *O Homem do Povo* e da participação que Astrojildo teve nele. As críticas por parte do Comitê Central continuaram repetindo a gravidade do erro que foi juntar-se aos pequeno-burgueses Oswald de Andrade e Patrícia Galvão. Outros tantos erros foram adicionados nas novas críticas dirigidas a Astrojildo Pereira, entre eles, resiliência nas ilusões para com o prestismo, ilusões para com Miguel Costa, ligações com a pequena-burguesia, ligação com os trotskistas, recusa em militar no sindicato dos gráficos (União dos Trabalhadores Gráficos) e até mesmo uma suposta aproximação com a quiromancia.

Em 6 de janeiro de 1932, Astrojildo respondeu uma crítica feita pelo CC do PCB em carta de 21/12/1931, afirmando que enquanto ele esteve na direção do PCB, em São Paulo, presente no Comitê Regional do Socorro Vermelho, teria

transformado essa organização em um órgão de colaboração de classes e não de luta de classes, principalmente por aceitar como integrantes do Socorro Vermelho pequeno-burgueses, como Pedro Motta Lima e Emiliano Di Cavalcanti. Sob esses dois pesava as acusações de colaborarem com a Legião Revolucionária de Miguel Costa e, também, por participarem da Sociedade Amigos da Rússia, controlada por trotskistas.

Astrojildo Pereira recusou a crítica do Comitê Central, classificando-a de infundada, explicou que foi designado para a direção do Socorro Vermelho pelo próprio CR-SP no início de julho de 1931, para o qual prestava contas de suas atividades. Descreve suas ações, enquanto secretário regional do SV, que seriam a elaboração do plano de ação juntamente com os demais membros do secretariado fundamentado numa carta de orientação do Executivo Internacional do SV, traduzida pelo próprio Astrojildo e que foi apresentado pelo CR-SP do PCB e a redação de circulares, também aprovadas pelo CR-SP. Astrojildo fortaleceu sua defesa indicando que quase toda a direção do Socorro Vermelho era composta por militantes do partido, que a única exceção era Salisbury Galeão Coutinho, trotskista e membro da Sociedade Amigos da Rússia, mas que dentro do SV obedecia plenamente a disciplina exigida pelo partido. Cita os estatutos do Socorro Vermelho Internacional, salientando que esta é uma organização que aceita membros individuais e coletivos independente de filiação partidária, contanto que esteja de acordo com os seus objetivos e princípios. Astrojildo anexa uma série de volantes, manifestos, notas, protestos e chamadas para manifestações efetuadas pelo Socorro Vermelho, buscando mostrar que ele foi durante todo o período um órgão de luta de classes e não de colaboração (Ledo, 1932).

Astrojildo também falou sobre sua ligação com a Associação Amigos da Rússia e com Di Cavalcanti, negando denodadamente ter pertencido à AAR e a única ação que executou nesse sentido foi defender que o CR-SP deveria criar e coordenar uma fração para atuar no interior da dita Associação. Quanto a Di Cavalcanti, seria um amigo, colega de pensão, cujas opiniões políticas jamais foram compartilhadas e jamais se deixou influenciar politicamente, buscando fazer o contrário, isto é, influenciá-lo. Comentou sobre uma outra carta sua, endereçada particularmente ao camarada Russildo e que, ao cair nas mãos do Comitê Central, causou celeuma por conter a afirmação de “eu sou por temperamento pessoal mais inclinado a portar-me como espectador do que como ator dos acontecimentos” (Ledo, 1932). A direção partidária interpretou esta frase como uma declaração de conformismo, como se

Astrojildo estivesse dizendo que não era um homem de ação, o que é o mais básico da militância comunista. O fundador do PCB explicou que essa não era sua intenção, não pretendia afastar-se da militância comunista, apenas não desejava voltar a exercer cargo de dirigente. A sua tarefa, segundo ele mesmo, seria trabalhar como intelectual do partido, principalmente como um divulgador e polemista. Esta carta estava longe de ser um pedido de desligamento do PCB para viver tranquilamente uma vida de vendedor de bananas¹⁹ no interior do Rio de Janeiro. O desligamento de Astrojildo Pereira da vida partidária, como veremos, foi compulsório.

Na última carta escrita depois que Astrojildo foi deportado, admite mais uma vez ser pouco propenso para as atividades práticas como discursos nas portas de fábricas ou agitador em *meetings* de massas. Segundo ele, o melhor emprego de suas forças seria como “mero escrevinhador de papel” (Ledo, 1932). Depois de reafirmar todas as respostas que havia dado anteriormente ao Comitê Central, resumindo-as novamente de maneira numerada, Astrojildo Pereira declarou que encarava como um processo natural ter deixado a secretaria geral do partido, visto que uma nova geração de militantes se formava, sendo essa a maior prova de que não era avesso à chamada “proletarização” do PCB, mas que os camaradas dirigentes deveriam compreender que a melhor contribuição que poderia dar ao partido seria como escritor, tradutor e editor de textos e obras comunistas, isto é, como intelectual.

A defesa de Astrojildo Pereira em nada o ajudou a manter-se como militante do PCB. Ao contrário, em documento do Bureau Sul-Americano da Internacional Comunista (BSA-IC), o entendimento era que a luta de classes, conforme tornava-se mais aguda e direta, expurgava de dentro dos Partidos Comunistas os membros incapazes de criar a disciplina e a têmpera necessária, principalmente os pequeno-burgueses, e Astrojildo Pereira era visto como um destes. Um intelectual pequeno-burguês, incapaz de “bolchevizar-se” adequadamente ao momento presente da luta de classes e que, portanto, seria depurado do partido. Esse limite de Astrojildo Pereira, na visão do BSA-IC, expressava-se nas alianças que fazia com os setores não revolucionários, reformistas ou não, deixando o partido dependente de políticos pequeno-burgueses:

O Partido deve colocar-se a tarefa imediata da liquidação do resto de popularidade da Aliança Liberal, desmascarando completamente o conteúdo contrarrevolucionário da atividade dos anarquistas, trotskistas, pessoal de *O Homem do Povo*, O

Tempo. Só assim poderá conquistar para suas fileiras os melhores operários influenciados por essas organizações (BSA-IC, 1932).

Enquanto Astrojildo seguia a tática da frente única, aliando-se às forças políticas que tinham alguma inserção entre a classe operária e buscando usar esta aliança tática como ponte para disputar ideologicamente a consciência da classe, a nova tática do movimento comunista consignava que essa colaboração acabava “aumentando o prestígio” dessas forças políticas e o PCB deveria lutar para desacreditá-las, para fazer a classe trabalhadora entendê-las como organizações oportunistas, inimigas de classe. É por ter-se mantido agindo de acordo com a política de frente única que Astrojildo Pereira foi acusado pelo BSA-IC de não ter rompido com a teoria de Octávio Brandão, em *Agrarismo e Industrialismo*, que era considerada como uma política que deixava o PCB a reboque da pequena-burguesia.

Assim, toda a política de alianças do CR-SP durante o ano de 1931 é condenada. Os comunistas de São Paulo estariam errando em “não desmascarar o caráter fascista de Miguel Costa e João Alberto” e, justamente por isso, “ajudando-os a iludir as massas”. Para o BSA-IC qualquer colaboração com organizações como *O Homem do Povo*, *O Tempo*, Legião Revolucionária e os trotskistas seria “encobrir sob um nome revolucionário sua atividade contrarrevolucionária” (BSA-IC, 1932).

O processo de expurgo das fileiras partidárias foi elogiado por retirar do partido os conciliadores, deixando apenas os quadros conscientes da necessidade da política independente do PCB. O CR-SP estava em atraso com a política de proletarianização, necessitando dar continuidade à depuração dos elementos pequeno-burgueses das fileiras do partido na região.

O Socorro Vermelho de São Paulo, diz o BSA-IC, era um erro por ter sido formado com elementos pertencentes a *O Tempo* e *O Homem do Povo*. A política de Astrojildo estaria errada por afirmar que o Socorro Vermelho não tinha plataforma política. Por essas razões, o BSA determinou a liquidação do Socorro Vermelho em São Paulo, que deveria ser refundado novamente pelo PCB, com outras pessoas e deixando claro que o SV era uma organização do movimento operário, com nítida plataforma política em favor desta classe (BSA-IC, 1932).

Em suas memórias, Leôncio Basbaum relata uma reunião do secretariado do BSA-IC em que participou como convidado para fazer um informe sobre a

situação brasileira, na qual buscou defender Astrojildo Pereira das acusações que vinha recebendo do Comitê Central do PCB. A reação dos membros do Bureau Sul-Americano, narrada por Basbaum, ratificam o conteúdo do documento exposto por nós e nos oferece uma imagem vívida do que foi o processo de afastamento de Astrojildo no interior do movimento comunista.

Tentei ainda defender Astrojildo. Mas Guralski, retirando um papel de sua pasta pediu que o lesse. Tratava-se de uma carta de Astrojildo, de próprio punho, escrita de São Paulo. Não me lembro, evidentemente, dos termos da carta, mas, em suma, ela dizia o seguinte: pretendia afastar-se do Partido, embora sem abandoná-lo completamente. “Sairia do palco para se colocar na plateia” (estas palavras nunca esqueci). Mas não seria um espectador indiferente. Ali estaria ele para vaiar, mas também para aplaudir, quando achasse justo, a fim de incentivar os atores.

A carta me deixou perplexo. Aquilo, diziam, era apenas uma demonstração de que seu afastamento fora justo e que lhe faltava, a ele, Astrojildo, o “espírito de autocrítica bolchevista”. Eu deveria regressar ao Brasil e falar com ele “para salvá-lo”. E, se quisesse a carta de volta, eles a devolveriam (Basbaum, 1976, p. 110)²⁰.

Leôncio Basbaum não conseguiu “salvar” Astrojildo para o partido, ao contrário, em breve também ele seria depurado do PCB em razão do crescente obreirismo que se apoderava do Comitê Central.

Astrojildo Pereira foi expulso formalmente do Partido Comunista do Brasil (PCB) no V Pleno do Comitê Central, ocorrido em agosto de 1932, mais uma vez acusado de todos os erros expostos por nós neste subcapítulo. A partir de então, o “astrojildismo” tornou-se um corpo ideológico a ser combatido dentro do PCB, caracterizado como um “desvio de direita” que se expressava na tendência de atribuir à pequena-burguesia o caráter de força motriz da revolução brasileira, deixando o proletariado a reboque da mesma. Era um tipo brasileiro de menchevismo. As alianças com os partidos e organizações pequeno-burguesas, portanto, não deveriam ocorrer e as propostas que rumaram nesse sentido eram logo classificadas como “astrojildismo” (Jeifets; Schelchkov, 2018, p. 701-724).

CONCLUSÃO

Apesar de curta, a militância política de Astrojildo Pereira em sua “reabilitação” na cidade de São Paulo, durante o ano de 1931, foi de grande

qualidade. Buscamos evidenciar o papel que Astrojildo desempenhou nesse momento como articulador e propagandista do PCB. Sobretudo, nossa exposição mostrou que o fundador do PCB não era um “mero escrevinhador de papel”, Astrojildo era um excelente organizador político e habilidoso articulador de alianças, principalmente no campo da propaganda, isto é, da produção intelectual voltada para a população geral. Não apenas suas ações no CR-SP em 1931, mas também toda a sua vida militante o prova, tendo como ponto alto seu trabalho para a fundação do PCB. A “depuração” de Astrojildo Pereira pelo partido que ele mesmo fundou foi a queima de um quadro valioso, de um intelectual orgânico do movimento comunista em razão de uma política anti-intelectual.

A rigor, enquanto esteve no Comitê Regional de São Paulo, Astrojildo Pereira continuou a fazer em São Paulo a mesma política que fizera como Secretário Geral do PCB, ou seja, a política de frente única, o que significava a possibilidade de união tática com elementos reformistas e de outras correntes do movimento operário em torno da defesa de interesses básicos da classe operária, princípios elementares do socialismo e, em geral, se contrapondo a ofensivas de governos como o fascismo e suas variantes. Também fazia parte da política de frente única a presença dos comunistas nas mais variadas organizações, mesmo as consideradas pelos comunistas como conservadoras ou reacionárias, contanto que elas tivessem adesão em meio à classe operária, objetivando por meio da crítica a essas mesmas organizações e sua incapacidade de defender efetivamente os interesses operários, trazer as massas trabalhadoras para o Partido Comunista.

Como a política de frente única já não era mais defendida pelo partido, as ações de Astrojildo entraram inevitavelmente em contradição com a política partidária. O fundador do PCB era um mestre em articulações políticas e alianças, mas o PCB, naquele momento, tinha uma clara política pela recusa de alianças, a diretiva era a completa “independência de classe”, ou seja, não se aliar com outros partidos. Quando essa contradição ficou clara, a direção do PCB e o Bureau Sul-Americano da Internacional Comunista passaram a cobrar Astrojildo pela ruptura de todas as alianças construídas. Como a autocrítica jamais era suficiente, a expulsão tornou-se inevitável. Astrojildo Pereira só voltaria a militar nas fileiras do partido em 1943, com a chamada Conferência da Mantiqueira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. As Angústias de Piratininga. *O Homem do Povo*. São Paulo, nº 7, 09/04/1931.

ANDRETO, Lucas Alexandre. O Partido Comunista do Brasil (PCB) em São Paulo: das origens até a Aliança Nacional Libertadora (1922-1935). *Expedições*, Morrinhos, 14, p. 4-24, 2022.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. *Construindo o consentimento: corporativismo e trabalhadores no Brasil dos Anos 30*. Campinas: Unicamp, 1994.

AZEVEDO, Raquel. *A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BSA-IC. *Teses sobre a situação do Brasil e as tarefas do PCB*. Buenos Aires, 1932. (Microfilmes IC - Arquivo Edgard Leuenroth).

CALIL, Carlos Augusto. O papel na bandeja. In: EULÁLIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp, 2001.

CAMPOS, Alzira Lobo. *Tempos de viver: dissidentes comunistas em São Paulo (1931-1936)*. Unesp: Franca, 1998.

CARONE, Edgard. *Classes Sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática, 1989.

CARRERI, Marcio Luiz. *O Socialismo de Oswald de Andrade: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930*. São Paulo: PUC, 2015.

CE-IC. Tesis del X Plénium del CE de la Internacional Comunista sobre la situación internacional y las tareas inmediatas de la IC. *La Correspondência Sudamericana*. 2ª época. nº 19. Buenos Aires, 15/10/1929.

CORVO, Aurelino [Astrojildo Pereira]. A carniça está gostosa. *O Homem do Povo*. São Paulo, 27/03/1931. p. 5.

CORVO, Aurelino [Astrojildo Pereira]. *Carta aos camaradas do BP do PCB*. São Paulo, 04/1931. Prontuário Astrojildo Pereira, nº 44. (DEOPS - APESP).

DEL ROIO, Marcos. *A Classe Operária na Revolução Burguesa: A Política de Alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta banido (1929-1940)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: história e historiografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FEIJÓ, Martin César. *O Revolucionário Cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo: Boitempo, 2022.

GUALBERTO, Edney dos Santos. *Vanguarda Sindical: União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (1919-1935)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUIOFFI, Antônio. *Informe reservado à Delegacia de Ordem Social*. São Paulo, 7/4/31. Prontuário Federação Sindical Regional de São Paulo (FSR-SP), nº 880. (DEOPS-SP).

HAJEK, Milos. A bolchevização dos partidos comunistas. In: HOBBSAWM, Eric (org). *História do Marxismo vol. 6*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HAJEK, Milos. La Tática de la Lucha de “Classe contra Classe” em el VI Congresso. In: *VI Congresso de la Internacional Comunista*. México: Ediciones Pasado y presente, 1977.

LEDO, Américo [Astrojildo Pereira]. *Camaradas do B.P.* São Paulo, 22-25/01/1932. Prontuário Astrojildo Pereira, nº 44. (DEOPS - APESP).

LEDO, Américo [Astrojildo Pereira]. *Carta aos camaradas do Bureau Político*. São Paulo, 06/01/1932. Prontuário nº 44, Astrojildo Pereira. (DEOPS - AESP).

MARQUÊS. Informe de Marquês [pseudônimo de Valduvino Barbosa Loureiro] no VII Congresso da IC. In: JEIFETS, Victor; SCHELCHKOV, Andrey. *La Internacional Comunista en América Latina: En documentos del Archivo de Moscú*. Adriana Ediciones: Moscú-Santiago del Chile, 2018.

MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Astrojildo. *A Fundação do Socorro Vermelho no Brasil*. São Paulo, 1931a. Prontuário Astrojildo Pereira, nº 44 (DEOPS - SP).

PEREIRA, Astrojildo. *A Todas as Organizações Regionais do Partido*. São Paulo, 1931b. Prontuário Astrojildo Pereira, nº 44 (DEOPS - SP).

PEREIRA, Astrojildo. LACERDA, Paulo de. *Questões de Organização*. Prontuário FSR-SP, nº 880 (DEOPS - SP).

PEREIRA, Astrojildo. O Manifesto da Contrarrevolução. In: *URSS, Itália, Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2022.

PRADO, Paulo; ANDRADE, Mário de; MACHADO, Antônio de Alcântara. Palavras da Direção. *Revista Nova*. nº 1, ano 1, 1931.

Prontuário de Everardo Dias, nº 136 (DEOPS - APESP).

Prontuário Socorro Vermelho, nº 1962 (DEOPS - SP).

RODRIGUES, Alexandre Manuel Esteves. *Astrojildo Pereira: itinerário de um intelectual engajado*. UERJ: Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Hélio. *1931: Os Tenentes no Poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

NOTAS

¹ Doutorando da UNESP. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp (2018). <https://orcid.org/0000-0003-2552-6052>. andreto.lucas@gmail.com.

² Doutor em Ciência Política na FFLCH-USP. Pós doutorado em Política Internacional (1999) pela Facoltà di Scienze Politiche da Università Statale di Milano e em Filosofia do Direito na Università di Roma Tre (2006) e Filosofia Política na Università Statale di Bologna (2011). Professor Titular em Ciências Políticas na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (campus de Marília). <https://orcid.org/0000-0003-3276-8789>. Email: delroio@terra.com.br

³ Sobre a presença do trotskismo em São Paulo, diz Leôncio Basbaum em suas memórias que “Em S. Paulo, todavia, a influência maior a prejudicar a expansão e o crescimento do PC era o trotskismo, que já saíra dos meios intelectuais para se infiltrar nos meios operários e na JC, aliás muito fraca. Já dominavam mesmo o sindicato dos gráficos, num tempo que o operário gráfico, sobretudo o linotipista, se considerava intelectual” (Basbaum, 1978, p. 119). Para um trabalho especializado sobre a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), Cf. Gualberto, 2008.

⁴ Foram eles: União dos Canteiros de São Paulo, Liga Operária da Construção Civil, Sindicato dos Manipuladores de Pão, Sindicato dos Operários em Fábricas de Chapéus, Sindicato dos Vidreiros de São Paulo, União dos Artífices em Calçados, União dos Operários Ladrilheiros, União dos Operários Metalúrgicos, União Sindical dos Profissionais do Volante, União dos Trabalhadores da Light e, apesar de estar sob direção trotskista, a União dos Trabalhadores Gráficos, que em maio de 1931 foi expulsa da FOSP por propagandear nas reuniões da Federação que os operários deveriam abandoná-la para adentrar a Federação Regional Sindical de São Paulo, que estava sendo construída pelo PCB (Azevedo, 2002, p. 61).

⁵ *Revista Nova* era dirigida por Mário de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado. Em apresentação da revista feita pelos diretores em seu primeiro número, é dito que ela pretendia “ser uma espécie de repertório do Brasil”, reunindo ensaios de historiadores, folcloristas, técnicos, críticos e literatos. Afirmando que era seu objetivo incentivar a “polêmica”, definia este termo segundo as palavras de Trotsky, isto é, “Combatividade, agitação de ideias, choque de correntes, procura e discussão” (Prado; Andrade; Machado, 1931, p. 4)

⁶ O governo do tenentista e ex-membro da Coluna Prestes, João Alberto Lins de Barros é marcado pelo seu intenso conflito com o Partido Democrático de São Paulo (PD). Este partido acusava João Alberto de ser comunista devido ao interventor ter defendido algumas medidas para melhoria das condições de vida dos operários e, também, por ter assinado o *Manifesto da Legião Revolucionária*. Os conflitos entre o PD e o governo de João Alberto foram uma espécie de prelúdio

da chamada “Revolução Constitucionalista”, que ocorreria em julho de 1932 (Silva, 1966).

7 O *Homem do Povo* foi um periódico político, declaradamente sem diretor, pois este deveria ser “os homens do povo”, na prática quem exercia a função era Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu). Conteve somente oito números que foram publicados entre os meses de março e abril de 1931. Sua linha editorial era próxima do marxismo, mas não se vinculava abertamente nem ao PCB nem ao trotskismo, contendo em suas páginas artigos de pessoas de ambas as correntes. Satirizava a burguesia brasileira, era crítico principalmente da Faculdade de Direito de São Paulo e do Partido Democrático e defendia a União Soviética (Carreri, 2015, p. 136).

8 O *Tempo* era o jornal oficial da Legião Revolucionária de São Paulo e, portanto, uma espécie de periódico situacionista do governo interventor de João Alberto. Apesar disso, o jornal aceitava publicações de membros do PCB e simpatizantes, como Pedro Motta Lima. Tinha como diretor Raphael Correa de Oliveira, que era nesta época chefe do Gabinete de Investigação da Polícia de São Paulo (Feijó, 2022, p. 117).

9 O Prontuário de Everardo Dias no DEOPS registra uma palestra de Astrojildo Pereira no Salão das Classes Laboriosas, em que dissertou sobre a Revolução Russa e a Revolução Espanhola então em curso. Cf. Prontuário de Everardo Dias, nº 136 (DEOPS - APESP).

10 Raphael Corrêa de Oliveira, chefe do Gabinete de Investigações da Polícia de São Paulo, era acusado pelo agente infiltrado nos meios operários, Antônio Ghioffi, de ser simpatizante do comunismo, ingênuo e permitir que elementos comunistas se infiltrassem no Gabinete de Investigações. A Federação Operária de São Paulo (FOSP) enviou carta para o escritório de *O Tempo*, afirmando que Raphael Corrêa de Oliveira não permitia a publicação de notícias da FOSP, mas apenas da Federação Sindical Regional de São Paulo, vinculada à CGT, central sindical dirigida pelo PCB, ou seja “que correspondia ao seu respectivo partido”. Antônio Ghioffi, em relatório reservado ao DOPS, dizia ainda que Raphael Correa de Oliveira era amigo íntimo de personalidades conhecidas do movimento operário de São Paulo, notoriamente de Coripeu de Azevedo Marques, então um dos dirigentes do CR-SP junto com Astrojildo e Paulo de Lacerda. Consta no mesmo relatório que os colegas de trabalho de Corrêa de Oliveira o acusavam de informar o planejamento de prisões de comunistas a Azevedo Marques, possibilitando que o mesmo avisasse seus camaradas, assim frustrando as investidas policiais. Assim, havia forte suspeitas de que Corrêa de Oliveira fosse um infiltrado do PCB dentro da polícia política (Guioffi, 1931).

11 Nesta época, Di Cavalcanti morava na mesma pensão que Astrojildo Pereira (Feijó, 2022, p. 17).

12 Cf. Prontuário Socorro Vermelho, nº 1962; Prontuário Associação Amigos da Rússia, nº 533 (ambos no arquivo do DEOPS-SP - AESP), bem como os jornais *O Homem do Povo* e *O Tempo* (ambos no CEDEM - Unesp).

13 Cf. Prontuário Socorro Vermelho, nº 1962 (DEOPS - SP).

14 A casa de Trotsky realmente pegou fogo mais de uma vez durante seu exílio, sendo incerto até que ponto e em quais das vezes o incêndio deveu-se à ação planejada da polícia política soviética ou por mero acidente. A primeira vez ocorreu em Prinkipo (ilha situada no Mar de Mármara, a cerca de 30 km de Istambul), mas depois ocorreu quando Trotsky chegou à França, numa casa em St. Palais e o caso se repetiu outras vezes (Deutscher, 1984, p. 175). Astrojildo, portanto, fazia pilhéria usando um termo comum da linguagem popular não em sentido figurado, mas para designar um fato.

15 Referência ao livro *Por que me ufano do meu país*, do Conde Afonso Celso.

16 O manifesto legionário volta a defender o caráter primário-exportador da economia brasileira mais à frente. Justifica que seria uma “fatalidade” das condições do país e oferece a completa desindustrialização como solução para a questão operária, isto é, a questão social, que naquele momento levantava grande agitação na sociedade brasileira, sobretudo pela repercussão da criação do Ministério do Trabalho e de novas leis trabalhistas. Astrojildo Pereira não deixou de apontar que esse projeto de sociedade, um “paraíso rural”, era justamente o interesse dos países imperialistas que consistia em fazer do Brasil um eterno exportador de produtos coloniais e importador de manufaturas.

17 Em *As Angústias de Piratininga*, texto editorial de *O Homem do Povo* do dia 09/04/1931, Oswald de Andrade fez pilhéria do recém-lançado *Manifesto do Partido Democrático*, que anunciava sua ruptura com o governo estadual, descrevendo-o como “precioso e ridículo, como literatura política, nulo de visão social, fechado no mais estreito e pífilo provincialismo, vertendo apenas o pus que brota dos dois cancos de São Paulo”, isto é, “a Faculdade de Direito e o Café”. No mesmo número do jornal, comparecia texto de Galeão Coutinho, também criticando os estudantes do Largo do São Francisco por atacarem a Sociedade Amigos da Rússia, além do artigo do próprio Astrojildo Pereira, que mostrava como exemplo para o movimento operário brasileiro a atitude dos operários franceses em dissolver pela força uma palestra fascista no bairro de Saint-Dennis, em Paris (Andrade, 1931, p. 1).

18 Recrudesce o conflito entre os estudantes e o diretor de *O Homem do Povo*. *Folha da Noite*. São Paulo, 13/04/1931, p. 10.

19 A família de Astrojildo Pereira trabalhava com plantio e venda de bananas, numa propriedade rural que possuíam no interior do estado do Rio de Janeiro e que, depois de sua expulsão do PCB, o intelectual comunista passou a trabalhar. Contudo, o tempo que Astrojildo passou na casa de sua família ajudando no comércio de bananas, foi também quando se aprofundou nos estudos sobre Machado de Assis.

20 BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 110.